Manuaw da llīgwa brazileyra para luzófonus

Cao Bittencourt

1 Ĩtrodusàw̃

1 Introdução

2 Awfabétu

Comesemus pelu mays bázicu, u awfabétu:

Tabela 1: Awfabétu brazileyru

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff
Gg	$_{ m Hh}$	Ii	Yy	Jj	Ll
Mm	Nn	Oo	Tt	Pp	Rr
Ss	Uu	Ww	Vv	Xx	Zz

Cowfóhrmi as tabélas, u novu awfabétu brazileyru (ä escehrda) teỹ vĩtxi i cwatru letras, ĩcwãtu u ãtxigu awfabétu pohrtugeys-brazileyru (ä djireyta) teỹ vĩtxi i seys. As letras hemovidas foraw̃ u "k" i u "q", pohrce saw̃ hedūdātxis. Dji fatu, a primeyra délas ja éra até na ãtxigwidadji clásica critxicada pelus gramátxicus homànus, ci axavaw̃-na desnesesarya. A letra "q", pohr sua veys, foy uma ĩveỹsàw̃ desis mesmus gramátxicus para djifereỹsiahr u sow̃ du "u" vogaw i du "u" semivogaw (cf. as palavras qui i cui). Nós, nu eỹtãtu, naw̃ temus pohr ce fazehr ésa djistĩsàw̃, poys a nósa llĩgwa teỹ mays semivogays

2 Alfabeto

Comecemos pelo mais básico, o alfabeto:

Tabela 1: Alfabeto português-brasileiro

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg
Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm	Nn
Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu
Vv	Ww	Xx	Yy	Zz		

Conforme as tabelas, o novo alfabeto brasileiro (à esquerda) tem vinte e quatro letras, enquanto o antigo alfabeto português-brasileiro (à direita) tem vinte e seis. As letras removidas foram o "k" e o "q", porque são redundantes. De fato, a primeira delas já era até na antiguidade clássica criticada pelos gramáticos romanos, que achavam-na desnecessária. A letra "q", por sua vez, foi uma invenção desses mesmos gramáticos para diferenciar o som do "u" vogal e do "u" semivogal (cf. as palavras qui e cui). Nós, no entanto, não temos por que fazer essa distinção, pois a nossa língua tem mais semivogais do que o latim e, além disso, melhores

du ci u Latxî i, alèỹ djisu, mellyóris métodus para espllisitá-las (vehr adjiãtxi). Asî seỹdu, hemovemus du awfabétu acéla letra, desprezada pelus homànus, i, ironicameỹtxi tãbèỹ ésa, ci ĩveỹtaraw.

Naw á nóvas letras nu awfabétu, porèğ muỹtas das ci pehrmaneseraw pasaw a tehr nóvas fűsoỹs; i, mays ĩpohrtãtxi, uma única fűsaw para cada. A letra "c", pohr ezeỹplu, para cowtxinuahr a djiscusaw asima, teỹ agóra seỹpri u sow dji "k", nűca dji "s"; na vehrdadji, foy até henomiada para "Ca" [ka], a fĩ dji deyxahr isu mays claru. Pelu mesmu motxivu, u "Se-sidjillya", "ç", é subistxituidu pohr "s". I, cow isu, acaba-si a ãbigwidadji eỹtri as cowsoatxis ocluziva velahr suhrda [k] i a fricatxiva awveolahr suhrda [s].

Analogameỹtxi, a letra "g" heprezeỹta apenas a cow̃soãtxi ocluziva velahr sonóra [g] i, comu u "c", foy henomiada para "Ga" [ga], uma veys ci u nomi "Je" [ʒe], durãtxi séculus, éra pronūsiadu cow̃ a fricatxiva pós-awveolahr sonóra [ʒ] (i.e. o sow̃ da letra "j" eỹ Pohrtugeys). Asî, pohr ezeỹplu, a palavra "garagem", ãtxis iscrita cow̃ doys "g", é, agóra espllisitameỹtxi, "garajeỹ".

Segīdu a óhrdeỹ awfabétxica, u ãtxigu "Agá", "h", deyxa dji sehr uma letra maw utxillizada,

métodos para explicitá-las (ver adiante). Assim sendo, removemos do alfabeto aquela letra, desprezada pelos romanos, e, ironicamente, também essa, que inventaram.

Não há novas letras no alfabeto, porém muitas das que permaneceram passam a ter novas funções; e, mais importante, uma única função para cada. A letra "c", por exemplo, para continuar a discussão acima, tem agora sempre o som de "k", nunca de "s"; na verdade, foi até renomeada para "Cá" [ka], a fim de deixar isso mais claro. Pelo mesmo motivo, o "Cê-cedilha", "ç", é substituído por "s". E, com isso, acaba-se a ambiguidade entre as consoantes oclusiva velar surda [k] e a fricativa alveolar surda [s].

Analogamente, a letra "g" representa apenas a consoante oclusiva velar sonora [g] e, como o "c", foi renomeada para "Gá" [ga], uma vez que o nome "Gê" [ʒe], durante séculos, era pronunciado com a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] (i.e. o som da letra "j" em português). Assim, por exemplo, a palavra "garagem", antes escrita com dois "g", é, agora explicitamente, "garájeỹ".

Seguindo a ordem alfabética, o antigo "Agá", "h", deixa de ser uma letra mal utilizada, essencialmente

eseỹsiawmeỹtxi inútxiw, i pasa a tehr u sow fricatxivu glotaw suhrdu [h], ow "Éhi" guturaw, comu é nus demays idjiomas da Ewrópa (e.g. nas palavras home, heim i hjem, ow seja, "lahr" eỹ Ĩgleys, Alemàw i Noruegeys, hespectxivameỹtxi). Isu significa ci u "r" é hezehrvadu para u tépi awveolahr [r] (e.g. eỹ "para"); i todas as palavras ci comesavaw cow "r", comésaw cow "h"; i, pela mesma via, acélas ci txĩaw doys "r", iscrévi-si tãbèỹ cow "h". Pohr fĩ, hemóvi-si todus us "h" mudus (e.g. "oji"); i, comu nas owtras letras, henomeya-si u "Agá" para "Éhi" [ɛhi] i u "Éhi" para "Éri" [ɛri], sinalizãdu suas nóvas fũsoỹs.

Aw cowtraryu das suprasitadas llīgwas jehrmànicas, eytretātu, u "j" cowséhrva a pronūsya ci hesebemus dus frāsezis, naw seydu utxillizadu para u sow dji "i" semivogaw (comu vimus ey hjem, asima). Esi sow, cuju fonema denóta-si pohr [j] pehrteysi aw "y", ci, dji maneyra análoga aw "h", ātxis sub'utxillizadu, é agóra uma letra muytu īpohrtātxi, teydu ey vista ci u Brazileyru é ū idjioma replétu dji semivogays.

Asî, pohrtătu, a îdjicasàw das letras semivogays naw é neỹ negllijeỹsiada, comu vĩa seỹdu deysdji u Acohrdu Ohrtográficu dji 1990, tawpowcu si dá pelu atxicwadu "Trema". Eỹ cowtrapozisàw, a nóva llĩgwa

inútil, e passa a ter o som fricativo glotal surdo [h], ou "Erre" gutural, como é nos demais idiomas da Europa (e.g. nas palavras home, heim e hjem, ou seja, "lar" em inglês, alemão e norueguês, respectivamente). Isso significa que o "r" é reservado para o tepe alveolar [r] (e.g. em "para"); e todas as palavras que começavam com "r", começam com "h"; e, pela mesma via, aquelas que tinham dois "r", escreve-se também com "h". Por fim, remove-se todos os "h"mudos (e.g. "hoje"); e, como nas outras letras, renomeia-se o "Agá" para "Erre" [shi] e o "Erre" para "Eri" [sri], sinalizando suas novas funções.

Ao contrário das supracitadas línguas germânicas, entretanto, o "j" conserva a pronúncia que recebemos dos franceses, não sendo utilizado para o som de "i" semivogal (como vimos em *hjem*, acima). Esse som, cujo fonema denota-se por [j], pertence ao "y", que, de maneira análoga ao "h", antes subutilizado, é agora uma letra muito importante, tendo em vista que o brasileiro é um idioma repleto de semivogais.

Assim, portanto, a indicação das letras semivogais não é nem negligenciada, como vinha sendo desde o Acordo Ortográfico de 1990, tampouco se dá pelo antiquado "Trema". Em contraposição, a nova língua

brazileyra dezigna letras espesíficas para esi fī, cways sejaw, u "y", xamadu "Cwazi-i", i u "w", ow "Cwazi-u". Naw é nesesaryu mays letras du ci ésas, pohrce apenas u "i" i u "u" saw semivogays, īcwatu u "a", u "e" i u "o" saw seypri vogays (i.e. élas "cébraw" a sílaba i naw aglutxinaw-si ey djitowgus i tritowgus).

Alèỹ djisu, u "y" i u "w" saw frecweỹtximeỹtxi aseỹtuadus cow u aseỹtu nazaw, "~", i subistxitueỹ u "n" i u "m" pós-vocállicus; isu pohrce uma característxica djistxĩtxiva du Brazileyru é ci vogays segidas dji "n" i "m" (cow uma cowsoãtxi depoys) seỹpri produzeỹ ũ sow semivocállicu heziduaw, ci naw é pehrfeytameỹtxi capturadu pohr ésas duas cowsoãtxis, mas sĩ pohr acélas semivogays nazallizadas (viz. "ỹ", "w"):

[ezeỹplus]

Eỹ pratxicameỹtxi todus us owtrus idjiomas iscritus cow u awfabétu latxinu, porèỹ, ésa "semivogaw heziduaw" naw acowtési, eỹtàw é cohétu utxillizareỹ u "n" i u "m" pós-vocállicus (e.g. [ezeỹplus]). Mas, comu u nósu objetxivu é ci u *Brazileyru* seja cowsisteỹtxi, devemus subistxituí-lus pohr semivogays nazallizadas.

Finawmeỹtxi, as duas úwtximas letras, "x" i "z" heprezeỹtaw, cada, ũ únicu sow i naw mays si

brasileira designa letras específicas para esse fim, quais sejam, o "y", chamado "Quasi-i", e o "w", ou "Quasi-u". Não é necessário mais letras do que essas, porque apenas o "i" e o "u" são semivogais, enquanto o "a", o "e" e o "o" são sempre vogais (i.e. elas "quebram" a sílaba e não aglutinam-se em ditongos e tritongos).

Além disso, o "y" e o "w" são frequentemente acentuados com o acento nasal, "~", e substituem o "n" e o "m" pós-vocálicos; isso porque uma característica distintiva do brasileiro é que vogais seguidas de "n" e "m" (com uma consoante depois) sempre produzem um som semivocálico residual, que não é perfeitamente capturado por essas duas consoantes, mas sim por aquelas semivogais nasalizadas (viz. "ỹ", "w"):

[exemplos]

Em praticamente todos os outros idiomas escritos com o alfabeto latino, porém, essa "semivogal residual" não acontece, então é correto utilizarem o "n" e o "m" pós-vocálicos (e.g. [exemplos]). Mas, como o nosso objetivo é que o *brasileiro* seja consistente, devemos substituí-los por semivogais nasalizadas.

Finalmente, as duas últimas letras, "x" e "z" representam, cada, um único som e não mais se confundem entre si nem com o "s", "c", etc. Especificamente, o

cow̃fūdeỹ eỹtri si neỹ cow̃ u "s", "c", etc. Espesificameỹtxi, u "x" teỹ, agóra, seỹpri u sow̃ da fricatxiva pós-awveolahr suhrda [ʃ] (ãtxigu "ch"). Ja u fonema [z] é grafadu pelu "z", ĩcluzivi nas palavras cow̃ "s" ĩtehrvocállicu (e.g. "caza"); i naw̃ á mays "z" nu finaw dji neỹuma palavra. Desi módu, todas as letras nu awfabétu teỹ sua próprya fūsàw̃.

3 Vogays

Comu aludjidu asima, as vogays na llīgwa brazileyra saw̃ "a", "e", "i", "o", "u"; i as semivogays, "y" i "w" ("Cwazi-i" i "Cwazi-u"). As vogays fóhrmaw̃ iatus si adjijaseỹtxis, mas as semivogays aglutxinaw̃-si.

Pohr ezeỹplu, [ezeỹplus]

Ademays, pohrce vizàmus a cowsisteysya fonétxica (i.e. ci si iscreva comu si djis), presizàmus djistīgwihr naw só eỹtri vogays i semivogays, mas aı̃da eỹtri as agudas, gravis i nazays. Denotá-las espllisitameỹtxi ezijiria ow uma letra para cada sow (comu é nu Awfabétu Fonétxicu l̃tehrnasyonaw) ow awgû sistema dji aseỹtuasàw̃. A primeyra opsàw̃ naw̃ é neỹ ũ powcu

"x" tem, agora, sempre o som da fricativa pós-alveolar surda [ʃ] (antigo "ch"). Já o fonema [z] é grafado pelo "z", inclusive nas palavras com "s" intervocálico (e.g. "casa"); e não há mais "z" no final de nenhuma palavra. Desse modo, todas as letras no alfabeto têm sua própria função.

3 Vogais

Como aludido acima, as vogais na língua brasileira são "a", "e", "i", "o", "u"; e as semivogais, "y" e "w" ("Quasi-i" e "Quasi-u"). As vogais formam hiátos se adjacentes, mas as semivogais aglutinam-se.

Por exemplo, [exemplos]

Ademais, porque visamos a consistência fonética (i.e. que se escreva como se diz), precisamos distinguir não só entre vogais e semivogais, mas ainda entre as agudas, graves e nasais. Denotá-las explicitamente exigiria ou uma letra para cada som (como é no Alfabeto Fonético Internacional) ou algum sistema de acentuação. A primeira opção não seria nem um pouco prática; a segunda, no entanto, também pode

prátxica; a segūda, nu eỹtãtu, tãbèỹ pódji tohrnahr-si traballyósa si naw ĩplemeỹtada djireytu.

Eỹ pahrtxiculahr, para evitahr esesivus aseỹtus, devemus cowveỹsyonahr uma "pronusya padràw" para cada vogaw (viz. a mays freqweỹtxi), i idjicahr cow aseỹtus apenas cwadu a pronusya fohr djifereỹtxi.

A tabéla abayxu defini a pronūsya padràw̃ das vogays i semivogays brazileyras:

Tabela 2: Pronűsya padràw̃

Letra	Pronüsya padràw	IPA	Ezeỹplu
Aa	Agudu	[a]	dsds
Ee	Gravi	[e]	dsds
Ii	Agudu	[i]	dsds
Oo	Gravi	[o]	dsds
Uu	Agudu	[u]	dsds
Yy	Agudu	[j]	dsds
Ww	Agudu	[w]	dsds

Comu pódji-si pehrsebehr, us fonemas vocállicus saw̃ us mesmus du Pohrtugeys tradjisyonaw. Eÿtàw̃,

tornar-se trabalhosa se não implementada direito.

Em particular, para evitar excessivos acentos, devemos convencionar uma "pronúncia padrão" para cada vogal (viz. a mais frequente), e indicar com acentos apenas quando a pronúncia for diferente.

A tabela abaixo define a pronúncia padrão das vogais e semivogais brasileiras:

Tabela 2: Pronúncia padrão

Letra	Pronúncia padrão	IPA	Exemplo
Aa	Agudo	[a]	dsds
Ee	Grave	[e]	dsds
Ii	Agudo	[i]	dsds
Oo	Grave	[o]	dsds
Uu	Agudo	[u]	dsds
Yy	Agudo	[j]	dsds
Ww	Agudo	[w]	dsds

Como pode-se perceber, os fonemas vocálicos são os mesmos do português tradicional. Então, nesse sentido, excetuando a adição das semivogais, não há nada

nesi seỹtxidu, esetuãdu a adjisàw̃ das semivogays, naw̃ á nada dji novu. As pronūsyas awtehrnatxivas, porèỹ, naw̃ saw̃ as mesmas, cow̃cwãtu sejaw̃ mays acuradas du ci nu Pohrtugeys. Espllicemo-las na segĩtxi sesàw̃.

3.1 Aseỹtus

Para eỹteỹdehr as pronūsyas awtehrnatxivas das vogays i semivogays brazileyras, cow̃vèỹ definihrmus, primeyru, us aseỹtus ci as i̇̃djicaw̃:

Tabela 3: Aseỹtus da llı̃gwa brazileyra

Aseỹtu	Nomi	Ezeỹplu
,	Aseỹtu agudu	dsds
`	Aseỹtu gravi	dsds
~	Aseỹtu nazaw	dsds
^	Aseỹtu nazaw fóhrtxi	dsds
	Aseỹtu duplu (crazi)	dsds

de novo. As pronúncias alternativas, porém, não são as mesmas, conquanto sejam mais acuradas do que no português. Expliquemo-las na seguinte seção.

3.1 Acentos

Para entender as pronúncias alternativas das vogais e semivogais brasileiras, convém definirmos, primeiro, os acentos que as indicam:

Tabela 3: Acentos da língua brasileira

Acento	Nome	Exemplo
,	Acento agudo	dsds
`	Acento grave	dsds
~	Acento nasal	dsds
^	Acento nasal forte	dsds
	Acento duplo (crase)	dsds

As funções dos acentos na Tabela 3 são variadas. Mas, de maneira geral, servem para: 1) explicitar quando a pronúncia não é a padrão; 2) indicar a

3.2 Eycowtrus vocállicus

3.3 Ley da gravidadji vocállica

3.4 Hégras dji aseỹtuasàw̃

4 Djígrafus

Tabela 4: Djígrafus

	0 0	
Ãtxiga Grafia	Nóva Grafia	Ezeỹplu
nh	$\tilde{y}, \tilde{i}, \hat{i}^1$	
lh	lly, lli^1	
SS	\mathbf{s}	
sc	S	
sç	\mathbf{s}	
XS	\mathbf{s}	
xc	\mathbf{s}	
ch	X	
rr	h	

Continued on next page

sílaba tônica quando não for autoevidente; 3) diferenciar palavras homófonas¹.

3.1.1 Altura e acentuação

A primeira dessas funções é realizada por todos os acentos, exceto a crase. Assim, então, quando o acento é agudo, a pronúncia é aguda, mesmo que a pronúncia padrão da vogal em questão seja grave; e inversamente se o acento for grave.

O acento nasal também serve para indicar uma pronúncia alternativa. Entretanto, nisso difere bastante do que era antes. Na língua brasileira, o acento "~", não mais chamado "Til", faz com que a vogal seja pronunciada como seria se fosse seguida de "n" ou "m", porém de uma maneira inteiramente vocálica, "torcendo" o som com o nariz, sem a obstrução física que caracteriza as consoantes. Isto é, não trata-se de

¹Sendo muito simples a função de diferenciar palavras de mesmo som, opta-se por não explicá-la em detalhes, para não interromper o fluxo deste texto. Mas a título de exemplo, compare-se o verbo "há" (agora escrito "á") e o artigo ou a preposição "a". Fica claro, aqui, que o acento é o único meio de diferenciar essas homófonas.

Tabela 4: Djígrafus (Continued)

Ãtxiga Grafia	Nóva Grafia	Ezeỹplu
qu	cw, c	cwallidadji, ceyju
gu	gw, g	agweỹta, géha
r pós-vocállicu 2	hr	
di	dji	
ti	txi	
li	lli, lly	

 $^{^1}$ Depe
ỹdeỹdu si u "i" fohr semivogaw ow na
w.

5 Ezeỹplus

 $^{^2}$ Istu é, u "r" segidu dji vogaw i co
w̃soãtxi.

uma vogal "tendendo" ao "n" ou "m", como é no espanhol ou no italiano, por exemplo, mas daquele som nasal *não consonantal*, que é marca do português brasileiro.

Acrescenta-se, ainda, que uma vogal nasalizada pode ser tanto aguda quanto grave (cf. adelante em espanhol e "adiante" em português). Em teoria, isso requeriria acentos mais específicos, porém, convenientemente, a pronúncia aguda ou grave nas vogais nasalizadas é consistente na língua brasileira: o "a" nasal é sempre grave; o "i" e o "y" nasais são sempre agudos; idem o "u" e o "w" nasais.

Já o "e" e o "o" nunca são nasalizados diretamente, porque o som que produziriam, de acordo com a nova definição do acento nasal, não ocorre no português brasileiro. Dito isso, se forem seguidos de "n" ou "m", passam a acompanhar "ỹ" e "w" (de novo, por causa da semivogal residual implícita nesses dígrafos).

Por fim, sendo evidente que as vogais "a", "e" e "o", seguidas de semivogal nasalizada são sempre graves (e.g. os dígrafos "ão", "an" e "am" em português), convenciona-se, para diminuir a quantidade de acentos, que nelas o "`" não se faz necessário.

3.1.2 Tonicidade e acentuação

Tendo entendido isso, podemos seguir com a segunda função dos acentos, qual seja, a de indicar a sílaba tônica. Aqui, de novo, não difere-se muito do português tradicional.

Temos na língua brasileira apenas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, cujas sílabas tônicas são, respectivamente, a última, a penúltima e a antipenúltima.

Dentre essas as mais frequentes são as paroxítonas. E, assim sendo, convenciona-se, tudo o mais constante, que toda palavra de mais de uma sílaba seja paroxítona e não necessita de acento.

Já as proparoxítonas são, de longe, as mais raras e, por esse motivo, permanecem sempre acentuadas.

As oxítonas, por sua vez, são relativamente comuns, mas nem sempre requerem acento. Isso porque há alguns padrões consistentes em nossa língua, que nos permitem identificá-las. Desse modo, se não indicado por acento, são oxítonas (e não acentuadas) todas as palavras terminadas em: "hr", "e", "o", "w", "y", "oỹ", "oỹ", "ow" (idem os plurais).

acentos tônicos e átonos. lista e hierarquia dos

acentos.

3.2 Encontros vocálicos

```
vogal + y
vogal + w
y + vogal
w + vogal + w
y + vogal + y
w + vogal + w
w + vogal + y
```

3.3 Lei da gravidade vocálica

$$e \rightarrow i \rightarrow y$$

 $o \rightarrow u \rightarrow w$

4 Dígrafos

Tabela 4: Dígrafos

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
nh	$\tilde{y}, \tilde{i}, \hat{i}^1$	$[\widetilde{\mathbf{j}}]$	
lh	lly, lli ¹	[?]	
SS	\mathbf{S}	[s]	
sc	\mathbf{S}	[s]	
$s\varsigma$	\mathbf{S}	[s]	
XS	\mathbf{S}	[s]	
$\mathbf{x}\mathbf{c}$	\mathbf{S}	[s]	
ch	x	$[\int]$	
rr	h	[h]	
qu	cw	[kw]	qualidade
qu	\mathbf{c}	[k]	queijo
gu	gw	[gw]	aguenta
gu	g	[g]	guerra

Continued on next page

Tabela 4: Dígrafos (Continued)

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
r pós-vocálico ²	hr	[], [], [] ³	restaurador
di	dji	$[\widehat{\mathrm{d}_3}\mathrm{i}]$	
ti	txi	$[\widehat{\mathrm{t} \mathfrak{f}} \mathrm{i}]$	
li	lli, lly	[?i]	

¹ Dependendo se o "i" for semivogal ou não.

Ademais, todos os dígrafos vocálicos (viz. vogal seguida de "n" ou "m") foram substituídos por vogais nasalizadas, ou vogais seguidas de " \tilde{y} " ou " \tilde{w} ", quando resultam em semivogal residual, como explicado no capítulo anterior.

5 Exemplos

² Isto é, o "r" seguido de vogal e consoante.

6 Hezumu

7 Hefereỹsyas